

## CORES E SENTIDOS DO CANDOMBLÉ NO ESPAÇO PÚBLICO

*Jocélio Teles dos Santos<sup>1</sup>*

Os terreiros de candomblé soteropolitanos já foram secularmente analisados nos seus mais amplos aspectos, e o que não falta é temática a ser explorada. E diria que as cores e seus significados compõem um largo denominador comum para antropólogos decifram e interpretem a gama de significados ali presentes. As cores nas religiões afro-brasileiras são pensadas no seu modo mais intrínseco – o *modus vivendi* e a sua correspondência com mitos e ritos.

Desse modo, elas são muito mais explicitadas no que haveria de revelador das singularidades dessas religiões, a exemplo da incorporação no cotidiano interno ao mundo dos terreiros. A espetacularização das cores é um signo distintivo que qualquer indivíduo percebe quando adentra nesse universo. Além disso, as festas públicas tornam-se o momento por excelência dessa transformação: além da sua relação intrínseca e correspondência com o universo dos orixás, inquices, voduns e caboclos, as diversas cores podem ser apreendidas como imagens-sentido. Revelam simbologia, representações, associações e expressam a elaboração de conceitos do mundo sagrado.

Mas, haveria cores mais específicas permeando as religiões afro-brasileiras? O artigo de Mattijs Van de Port é um convite para adentrarmos na reflexão sobre a ressignificação de determinadas cores, seus usos e abusos por sujeitos que não somente pertencem à religiosidade afro-brasileira, mas que buscam cada vez mais reforçá-la na esfera pública. Talvez esteja aí uma significativa área de investigação nas últimas décadas.

Por mais que o foco do artigo seja o candomblé baiano, podemos alargá-lo para compreender como as religiões afro-brasileiras tornaram-se capazes de, nas últimas décadas, transcender os seus espaços internos, em

---

<sup>1</sup> Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia

alguns casos vistos como de comunidade, para outras esferas que classicamente tendemos a classificar como públicas, e esse fenômeno é muito mais explícito no ambiente urbano.

O artigo pretende discutir a circulação de símbolos, estética, ritmos, filosofias e cosmovisões do candomblé em vários circuitos da esfera pública em Salvador. Com esse intuito, o autor realiza incursão etnográfica em espaços variados como um salão de beleza e eventos, a exemplo do que ocorreu no Ilê Axé Opô Afonjá. Como bem observado, a tradição nos estudos afro-brasileiros tendeu a descrever o candomblé mais nos seus aspectos internos, e por isso a literatura considerada clássica em muito contribuiu para tornar o seu universo “envolto em mistério”.

A originalidade do artigo está em indicar essa circularidade em espaços capilarizados pela ascensão de movimentos sociais nas últimas décadas. Tanto o movimento homossexual (*rosa*) quanto o ecológico (*verde*) e o negro (*preto*) reproduzem imagéticas que servem para um consumo interno e externo de adeptos e simpatizantes das religiões afro-brasileiras, e isso cada vez mais é reproduzido em espaços públicos, a exemplo da parada gay ou de eventos com participação de distintos atores – lideranças, políticos, intelectuais, adeptos – através de uma ritualização tanto de símbolos quanto do uso de um léxico próprio do universo afro-religioso.

A crítica aqui posta sobre a metodologia da abordagem “clássica” – “a iniciação em si é a via régia para o conhecimento do culto” – é mais que pertinente. E acrescento: essa abordagem é muito mais corroboradora de ideologias que perpassam o universo afro-religioso do que uma precisa ferramenta analítica. Isto espraia-se fora dos terreiros. Lembro de que, na seleção de estudantes para o mapeamento dos terreiros em Salvador, em 2007, as visões de políticos, gestores públicos e técnicos eram que os iniciados nos terreiros teriam uma maior probabilidade de serem mais acolhidos pelas lideranças no preenchimento do questionário, e houve casos em que justamente ocorreu o inverso. A empatia ou resistência não era dada *a priori* pelo simples vínculo religioso.

Como afirma Mattijs Van de Port o “banco de símbolos” do candomblé para espaços externos, pensado na sua pluralidade, pode ser rastreado desde

os anos 30 e com maior vigor nos anos sessenta com a entrada em cena da indústria cultural. Se isso deve ser observado em períodos distintos de construção/reafirmação de identidades nacional e regional, mesmo nos tempos do regime militar, a relação de troca com os movimentos *rosa, verde e preto* nas últimas décadas pode ser visualizada na espetacularização dos que são classificados como politicamente corretos na arena pública.

Assim, o artigo mostra uma saída teórico-metodológica para o que penso ser uma armadilha na pesquisa de campo com os poderosos e atraentes discursos nativos, e a adoção da simbologia dos terreiros pelos nativos *rosa, verde e preto* é ilustrativo do modo como o candomblé é apreendido. A pluralidade do que constitui esses movimentos indica que eles selecionam elementos distintos visando do reforço das suas identidades políticas. Além disso basicamente a retórica é concentrada na existência de não preconceito aos homossexuais, uma intrínseca relação com a natureza (o candomblé seria o antecessor do movimento ecológico) e uma simbologia de resistência negra ao longo dos séculos. A circularidade dessas representações só faz sentido numa sociedade de espetáculo se alcança a pública, indo às praças, aos seminários acadêmicos, políticos e até os que são promovidos pelo Ministério Público, assim como nos barracões de terreiros seculares.

É provável que a ritualização dessas novas práticas abram caminho para uma espécie de normatização e regulação, afinal elas aparecem muitas vezes em momentos de ataque desferidos pelos evangélicos em espaços da mídia.

Em que pese essas questões suscitadas pelo artigo, eu gostaria de discutir afirmações que me pareceram apressadas na análise. Na descrição sobre a abertura da *Semana Cultural da Herança Africana na Bahia*, no Ilê Axé Opô Afonjá, o autor chama a atenção sobre o sentido do “humilde” na atitude da mãe-de-santo em não falar em público. Saliento que a própria categoria – “humilde” – possui um valor na sociedade brasileira e, mais ainda, no universo afro-religioso. Assim seria interessante problematizar a sua associação com determinadas lideranças; o “não falar em público” obedece muito mais a um valor ideológico do que a uma característica pessoal. Trata-se de um atributo do exercício cotidiano do poder, inúmeras vezes relacionadas à ausência da palavra e, muito mais, ao exercício de um

olhar ou de gesto. Lembro-me do modo como que antropólogos e/adeptos baianos se referiam às consagradas mães-de-santo Menininha do Gantois ou Olga do Alaketo. O olhar e/ou gesto delas seriam capazes de provocar controle no rito e também nas emoções dos adeptos.

Há outra interpretação que merece ponderação, pois tende a ser genérica e impressionista, a partir de afirmação pontual. Na nota 14 ao afirmar que o imaginário do candomblé “também subscreve o sexo inseguro (Van de Port, 2012, p. 210)” demonstra um sério deslize interpretativo. A “confissão” de “um amigo”, portanto, algo pontual, torna-se generalizante. O imaginário afro-religioso nesse caso é muito mais restrito a um indivíduo.

A resignificação do verde, preto e rosa parecem indicar uma particular tendência que se espraia na esfera pública, em que as religiões afro-brasileiras apresentam-se. É necessário vê-la menos como algo vinculado estritamente a um grupo particular. O fluxo dessas concepções é visível em sujeitos que cruzam essas fronteiras identitárias; “ser verde, negro ou homossexual”, ou seja, ter um pertencimento a esses movimentos, ou mesmo a um determinado partido, não os torna estanques ao vinculá-los previamente às concepções intrínsecas ao mundo dos terreiros. O mais curioso: nas interpretações das religiões afro-religiosas como ecológicas por natureza, tolerantes aos homossexuais e historicamente espaço de resistência negra, deve ser observada a existência de embates internos no universo dos terreiros e também na arena política. As cores, portanto, passam a ter outros sentidos de ritualização.